

35º Encontro Anual da Anpocs

GT19 - Memória
social, museus e
patrimônios: novas
construções de
sentidos e
experiências de
transdisciplinaridade

***Patrimônio Universitário:
Tempo-espaço como
fomentador de memórias e
identidades na CEU- UFSM/RS***

Autora: Juciára Teixeira Machado

- ❖ **Titulações:** Bacharelado em Ciências Sociais, UFSM - Licenciatura em Sociologia, UFSM.
- ❖ **Filiação:** mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais PPGCS- UFSM, RS, 2010.
- ❖ **Endereço eletrônico:** jucreide-t@hotmail.com
- ❖ **Endereço:** Rua Visconde de Pelotas nº 599, apartamento 301 - Bairro Nossa Senhora do Rosário. Santa Maria, RS. CEP: 97010-440.

[Outubro, 2011]

Patrimônio Universitário: Tempo-espaço como fomentador de memórias e identidades na CEU¹ - UFSM/RS

RESUMO: Este Artigo insere reflexões sobre como é composto e sentido a experiência de Moradia Estudantil em estudantes universitários frente ao Programa de Moradia Estudantil na CEU, ofertado de forma gratuita pela Universidade Federal de Santa Maria - RS. E busca perceber na conexão entre uma memória coletiva e as narrativas destes moradores e ex-moradores, uma trama de simbolização do tempo-espaço patrimonial universitário. Assim como, pontuar a importância decisiva deste patrimônio para se compreender esta experiência em particular, onde repousam as vivências cotidianas e trajetórias de seus (ex)residentes. Pensa-se a história e o cotidiano desta coletividade como depositários legítimos de memórias coletivas e de anseios de indivíduos e grupos que, ao compartilhar um mesmo território pluralizado de vivência, agem em conjunto e reinventam cotidianamente a sua condição e a sua relação com este patrimônio, na busca de eternizar essa experiência no tempo e de construir uma identidade que os particularize.

PALAVRAS-CHAVES: Antropologia, moradia estudantil, memória, patrimônio universitário, identidades.

Introdução

O recorte temático de reflexões introdutórias desenvolvidas neste trabalho se inserem como um dos vieses de um amplo e complexo campo de interrogações que embasam o objeto de pesquisa que está sendo desenvolvido dentro do projeto de dissertação configurado pelo tema: processo de (re)configuração identitária em (ex)estudantes – (ex)moradores da CEU – da Universidade Federal de Santa Maria²-RS. Este projeto desenvolve uma reflexão na área de Antropologia, através do método etnográfico e do diálogo com a história, sobre a experiência de “migração” destes estudantes e das diferentes formas como são sentidas e dadas às adaptações junto a este tipo de ocupação de um tempo-espaço novo e coletivo que é a moradia estudantil. E conseqüentemente, o modo de interação/integração gerado a partir dos campos de socializações variados. E de como a memória coletiva, o cotidiano acadêmico e as relações travadas e simbolizadas com o patrimônio universitário assentam-se e assentaram-se como ferramentas basilares para a disposição e organização destes atores neste contexto de tempo-espaço territorial patrimonial da UFSM - RS.

¹ Casa do Estudante Universitário.

² Este é o tema do projeto de pesquisa de minha dissertação que está em andamento, e que dará base e norteamento aos questionamentos sobre os vieses de memória e patrimônio propostos neste artigo.

A opção pelo método qualitativo etnográfico neste trabalho deve-se primeiro a identificação e forte orientação acadêmica na disciplina, influenciada por uma tentativa de obter uma melhor visão e compreensão do contexto e do problema explicitado. Depois, pela tentativa de analisar em profundidade as relações em estudo, enfatizando a descrição e especificações dos personagens, contextos e situações vividas em campo. Segundo Haguette (1992, p. 63) “(...) Os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser”. A pesquisa de campo embasada na tradicional técnica de “observação participante”, junto com as entrevistas do tipo não-diretivas e centradas aplicadas em campo, e a análise de documentos e imagens, comporam o cerne deste “ensaio” antropológico.

Busca-se através deste método compreender como as fronteiras simbólicas são redesenhadas no contexto de moradia universitária e como são expressas nas relações de sociabilidades no cotidiano da Casa do Estudante. Assim como, demonstrar que a presente composição, organização e significação deste território não deixam, de ser um constructo legitimado e defendido a partir da manipulação da memória de ex-moradores e do imaginário oriundo deste universo. E que juntos, vão dar aos atuais residentes subsídios para a composição de uma identidade coletiva e das relações dentre e entre este território patrimonial e dentre os quais a sua representação social. Além de frisar a importância de sua existência e pleno funcionamento para a “sobrevivência” em meio acadêmico de seus moradores e na própria composição da imagem institucional universitária local.

As questões latentes no processo de moradia estudantil vêm se revelando uma outra história nas relações entre os alunos/moradores nesta universidade e motivando mudanças setoriais e estruturais, compondo momentos ricos para a percepção das tensões socioculturais, sobre memória e legitimidade deste espaço, ali travadas. A imersão de um jovem acadêmico aos novos horizontes de perspectivas, que são a vida universitária e a moradia estudantil, suscita um emaranhado de mudanças na vida, na moral, na conduta, nas escolhas e nas relações sociais deste indivíduo perante a sociedade e que são carregadas com o indivíduo mesmo após o término desta experiência. Desta forma, encadeia um processo contínuo de busca, reconhecimento e pertencimento, levando estes sujeitos à construção e recomposição de múltiplas formas de identificação e reconhecimento. Que são perpassados

pela história, pela memória coletiva e pela apropriação e simbolização do espaço patrimonial universitário.

As narrativas, documentos históricos, o ambiente, a estrutura física, o cotidiano e depoimentos que são os dados empíricos chaves desta pesquisa, montam e remontam uma memória e trajetória universitária particular que é totalmente caracterizada pela singularidade de serem estes estudantes não só identificados como universitários, mas como moradores de uma residência estudantil. Ou seja, isso cola a eles uma identificação a um universo específico, num tempo-espaço e num imaginário que perpassa o passado e o presente e o pertencimento atribuído e defendido por esta coletividade.

A história de cada (ex)morador é traçada e rememorada pelas simbolizações e vivências das quais ele foi protagonista e/ou participante. O espaço composto e destinado a moradia estudantil na UFSM nos permite recriar épocas diferenciadas das práticas culturais de seus ocupantes. Esta experiência traceja um reconhecimento mútuo. O cotidiano, a memória e a história deste patrimônio específico, dão a ele a qualidade de “habitável” e de construtor de simbolizações. Trata-se de um lugar único e singular que deve ser tratado e compreendido como tal. E dentro desse tempo-espaço responsável por enraizar em um território de pertencimento, em um espaço vivido e pensado que acolhe sua memória coletiva, e um relacionar-se cotidianamente dentro de uma descontinuidade temporal, pois pela sua dinâmica e transitoriedade, ela propicia como tal, fazer durar e/ou modificar os códigos e sentidos de existência e simbolização de uma experiência de moradia estudantil.

Ao longo do artigo argumenta-se que estes fatores convivem e ocorrem no palco de uma mesma territorialidade compartilhada, que é delimitada patrimonialmente, mas que muitas vezes pode ser ultrapassada, tanto pelo tempo como pelo espaço, coexistindo, concomitantemente, junto ao sujeito e suas múltiplas identidades e relações, que inscritas neste contexto podem ser assumidas, conforme a necessidade dos papéis e representações sociais a serem desempenhados pelo jovem acadêmico e pela memória a ser acionada ou esquecida, inventada e até mesmo (re)apropriada. Portanto, através de toda esta conjuntura, procura-se compreender alguns “mal entendidos” e, ainda, trazer a tona, faces escondidas para seu melhor entendimento, desmanchando pré-conceitos e julgamentos levianos sobre esta coletividade.

Sendo assim, crê-se que, ao esmiuçar este processo experiência de moradia estudantil na CEU, poderemos através das Ciências Sociais, principalmente da Antropologia, e do método etnográfico, retratar o quanto são decisivos estes fatores nas (re)configurações destas identidades.

As evidências do trabalho de campo demonstraram um cenário diversificado e pluralizado, no qual os estudantes, ao aportarem na CEU, deparam-se com uma realidade muitas vezes não desejada, mas necessária para a sua inserção e permanência na universidade. Sem contar à peculiaridade que assinala ao caracterizar este tipo de migração como um processo/fenômeno transitório, não constituindo uma situação intransponível ou permanente. Mas sem sombra de dúvidas é uma condição que marca e modifica a vida e a compreensão sócio-cultural e simbólica dos envolvidos, tanto em suas relações sociais, como em sua noção de pertencimento e de construção de memória e do sentimento e de representação³ deste território patrimonial.

Pensando a produção do espaço: estrutura, disposição e constituição deste universo

Os residentes da CEU, que ao todo no período estudado, compreenderam um número estimado de quase 1.800 (aproximadamente) condôminos, para 2 mil vagas dispostas⁴. O ingresso a esta modalidade de moradia é composto e inclui duas etapas principais: a primeira delas restringe-se à área de atuação da Assistência Psicossocial da Pró-reitoria de Assuntos Estudantis-PRAE, onde é aberto edital de pedido de benefício socioeconômico (que inclui uma entrevista com o candidato junto a Pró-reitoria. E a concomitante entrega, dentro dos prazos determinados em edital, de uma série de documentos a fim de verificar o

³ Lê-se e compreende-se a representação social, neste trabalho, enquanto “(...) produções vinculadas ao conhecimento presente no senso comum que podem atuar revelando ou ocultando o fato social. Podem ser analisadas e associadas ao ato de interpretação ou como produção de conhecimento, presente no cotidiano dos sujeitos, nas esferas institucionais (...)” (Gamalho, 2009, p. 42) e contidas na memória. E ainda seguindo as arguições da autora: “As representações são construções sociais e, portanto, intencionais, compondo um conhecimento compartilhado, não isento de ambiguidades e conflitos, mas com a importante função de orientar os sujeitos em suas práticas socioespaciais. Elas incidem no plano do espaço vivido, convergindo ou contrapondo, formando os espaços de representação.” (p. 125).

⁴ Há na instituição três disposições e organizações de moradia estudantil: CEU I – que localiza-se no centro da cidade de Santa Maria, rua Prof. Braga nº 79 e abriga estudantes de graduação, técnico e ensino médio. A CEU II, que abriga estudantes de graduação, técnico e ensino médio; e a CEU III – destinada a alunos de Pós-graduação. Estes dois últimos se localizam dentro do campus universitário da UFSM. Bairro Camobi, Av. Roraima – Santa Maria, RS.

preenchimento dos requisitos como condição para o aceite do benefício a partir da análise econômica do grupo familiar); e a segunda etapa, que fica a cargo da Comissão/ diretorias da CEU, refere-se à inscrição e alocação dos candidatos nas vagas existentes em cada apartamento. O período máximo ao qual um estudante pode permanecer na Casa é, segundo o regulamento da instituição, o tempo total para a conclusão do seu curso (contado em anos), acrescido de mais um semestre. Contudo, verificou-se que muitos excedem este tempo de permanência na Casa. E que adjacente aos moradores “regularizados” frente à instituição em seu direito a moradia, coexistem e coexistiram historicamente, casos de moradores “irregulares”, que não possuem o benefício socioeconômico, são os ditos moradores clandestinos.

Fara-se abaixo uma explanação breve sobre a disposição espaço-estrutural da arquitetura pertencente ao patrimônio da UFSM, e destinada ao campo da Assistência Estudantil de moradia.

Ambientes de pré-moradia: Existem espaços de fixação provisórios e destinados à espera dos alunos, pela aprovação do benefício ou por vagas nos apartamentos. Suas acomodações são improvisadas e precárias. São duas ao todo, uma é a União Universitária localizada no campus universitário ao lado do complexo da CEU II e III. Ela coexiste junto ao Restaurante Universitário, espaço este que era reservado à realização das reuniões e assembleias estudantis, sendo ocupado em protesto e na luta pela ampliação das instalações de moradia pelos estudantes na década de 80. E desde então vem servindo de quarto coletivo transitório, “tolerado” pela administração central. Uma parte deste espaço foi dividida, em três grandes quartos coletivos. A outra é localizada no prédio da CEU I no centro da cidade. Onde é disponibilizado um recinto (no 6º andar, sala 69), onde antes era alocada a sala de televisão coletiva.

Nestes dois espaços transitórios são alojados, os estudantes que chegam à universidade no início de cada semestre e que estão à espera da aprovação dos seus pedidos de carência, requeridos à instituição, para daí então, efetuar moradia permanente na Casa. Esta situação de moradia perdura por meses e pode se estender a anos, dependendo exclusivamente, do número de vagas abertas para a introdução de novos moradores. Segue

abaixo uma breve descrição das disposições físicas do espaço oficial destinado à residência estudantil, a CEU, e seus desdobramentos.

A CEU I é composta por um edifício de 8 pavimentos, totalizando 210 quartos sendo 8 por andar. Todos dispostos linearmente em um corredor que perpassa da frente aos fundos onde do lado esquerdo encontramos em sua longitude parede e janelas e do direito os apartamentos. São organizados em pares um de frente ao outro com um banheiro para cada dupla. E um apartamento “estilizado” e apropriado pelos residentes, onde reside um morador, localizado ao início do corredor perto da escada e do elevador. Espaço este que até a década de oitenta era parte integrante de uso comum dos estudantes. Neste prédio funcionam em seu 1º andar, sala de estudo e biblioteca, sala da coordenação da Casa, diretório acadêmico dos estudantes- DCE da UFSM, cozinha comunitária, espaço de lazer, salão onde são realizadas as boates do DCE, portaria e hall de entrada.

Já constituindo a CEU II, estão quatro prédios de três andares cada com: 10 blocos com 360 quartos para 2 moradores; e 8 blocos com 96 apartamentos para 6 moradores; há também dispersos nos blocos quartos para 4 moradores⁵. Nos blocos compostos por apartamentos de dois e quatro moradores os banheiros são coletivos e unissex, localizando-se no respectivo corredor de cada andar. No térreo de cada bloco, ao lado dos banheiros, existe um posto de luz, servindo de área comunitária entre os moradores. Além deste espaço, há “salas” de uso comunitário, no hall de cada bloco, onde estão sendo desenvolvidos projetos e núcleos diferenciados.

A CEU III é formada por um prédio de três andares construído atrás da CEU II, e seguindo a mesma estrutura, contendo 18 apartamentos divididos em três blocos, 17 destes destinados a 3 ocupantes e um para 2. São do mesmo tamanho e divisão física dos destinados a 6 moradores da CEU II, com três quartos, sala, cozinha, dois banheiros e uma área de serviço com dependência.

Há quartos/apartamentos com todos os tipos de móveis e eletrodomésticos modernos, existentes no mercado, assim como há outros onde se encontra, basicamente, a infraestrutura oferecida pela universidade. O ambiente em si do complexo destinado à moradia estudantil é o de um condomínio “popular”. Os prédios são todos iguais, salvaguardando as diferenças

⁵ Estes números estão aumentando devido à conclusão de mais blocos e apartamentos que estavam inacabados.

do prédio da CEU I, retangulares, de construção simples e funcional que advertem a tentativa de um ordenamento do espaço. Poder-se-ia arriscar-se a dizer que um bairro, seria a expressão correta para defini-lo. Uma comunidade com vida e organização própria, devido a sua complexa composição sócio-espacial e autossuficiência.

No campus, há entre os prédios muitas áreas verdes, e a própria delimitação do campi universitário funciona como o “quintal” para seus moradores, e são por eles adaptados, assim como, pela Prefeitura da Cidade Universitária⁶. Já o prédio localizado no Centro de Santa Maria torna-se desprovido desta atmosfera de âmbito institucional delimitado e conjugado. Mas em contraposição, garante aos seus ocupantes uma maior interação com a atmosfera urbana municipal. Indispensável torna-se falar que as construções da CEU I estão locadas em pontos estratégicos dentro da atmosfera de arranjo urbano, no caso, do “estar localizado no centro”, vindo ao encontro do status e importância dados a uma fração da estrutura universitária federal disposta e aparente, provendo status de pertencimento a uma cidade de interior.

E pode-se acrescentar ainda, outra observância em particular na disposição destas arquiteturas universitárias, elas encontram-se sobrepujadas às vistas do controle e da administração da própria instituição e comunidade. E o modelo de construção e distribuição de seu patrimônio vem ao encontro dos “anseios de vigilância” que o imaginário de identificação e representação social deste tipo de conjunto habitacional perpetua no senso comum. Nesta questão os dois complexos de moradia estudantil estão estrategicamente findados nas proximidades e ao alcance dos atentos olhares da administração central da UFSM e no eixo da circulação de pessoas. A CEU I encontra-se a poucos metros de distância do prédio de administração, onde funcionava a Antiga Reitoria. E o complexo do campus, CEU II e III, encontra-se situada no desembocar da avenida principal, sob a tutela dos demais prédios de apoio e de frente ao prédio da nova e atual Reitoria. Ou seja, são visíveis a todos os ângulos, o que ao longo deste artigo pontuara-se como um dos componentes diretamente ligados ao tipo de representação e identificação estigmatizada

⁶ Setor da UFSM responsável pela administração e manutenção infraestrutura de toda a instituição. Ou seja, consertos, reformas, fiscalização, construções, etc. Que recentemente foi redenominada de Pró-reitoria de infraestrutura.

(Goffman, 1982) e de má fama (Velho, 1989) gerados no senso comum e que devem ser atentamente observados. Onde o controle deva ser recorrente.

É como argumenta (Zarankin, 2001 - *grifo meu*), as estruturas urbanas modernas são pensadas, desenhadas e construídas pelo homem, no caso, pela inferência de um órgão e governo público; o que advém de predicados, funções e relações sociais de poder. Como reflexos de uma organização social. O que faz com que a arquitetura de uma instituição como a da UFSM torne-se um produto cultural carregado de sentido e interação. E por suas características, transforma-se em instrumento essencial para a obtenção de resultados calculados de reprodução e representação social. Este patrimônio pode ser lido através da cultura material e de sua significação histórica.

Enfim, a aparência física dos prédios da moradia estudantil é precária, assim como muitas das suas dependências. Mas sua significação e importância a cada estudante é única e configura um status e um sentimento de pertencimento que vão singularizar a passagem e as experiências vividas e representadas para estes moradores.

Esses apontamentos físicos e espaciais, descritos acima, retratam os problemas de um espaço urbano de ocupação muito antiga, as primeiras construções são datadas em 1958, que, além de não obterem reparos e cuidados constantes, ainda sofrem com a superpopulação de suas dependências, agravando significativamente o seu estado de conservação. Mas é importante ressaltar que tudo isso convive harmoniosamente com a criatividade e a tentativa de recomposição desse ambiente e de sua memória histórica e pessoal, imposta por cada indivíduo que dele faz parte junto à luta pela melhoria da moradia estudantil, pela irreverência e distinção frente aos demais membros da comunidade acadêmica e pelos laços de sociabilidade ali existentes.

Nisso, os moradores mostram muita solidariedade e versatilidade em criar ambientes de identificação e delimitação de grupo e de tempo-espaço, isto é, podem-se visualizar, dentro do patrimônio alusivo a CEU, os signos de espaços pertencentes a grupos e a gostos distintos. Onde as narrativas são vividas e apropriadas pela memória e lapidadas por um pertencer a este patrimônio coletivo e de tamanha expressividade em suas subjetividades. Os “*agro-boys*”, denominação atribuída aos estudantes de agronomia, com hábitos e costumes que remontam e remetem ao tradicionalismo existente na cultura gaúcha, constituem um

exemplo deste fato. Há um respeito entre eles neste sentido, de reconhecerem estes espaços agora “privados” e de uso de um determinado grupo. Ou seja, existem grupos que preferem não “se misturar”, como eles mesmos afirmam.

A apropriação e utilização de recursos e artefatos artístico-simbólicos na decoração, composição e no transporte de suas visões de mundo e de suas memórias para a composição destes espaços patrimoniais. Refletem suas expressões, seus sentimentos frente à experiência, seus gostos e suas ideologias nestas composições, ou seja, suas múltiplas identificações e representações do que vivem e pensam. Estes signos representados podem ser analisados, conforme a sua disposição dentro de cada ambiente, revelando-nos até a possível existência de conflito ou não, entre colegas de quarto, perante a evidência de divisão ou de diferenciação nos pertences de ambos. Exalta-se neste ponto a forte ligação patrimonial distintiva neste contexto, onde a referência histórica torna-se peça chave na memória e no discurso dos moradores.

As aproximações e afinidades, que muitas vezes são construídas dentro deste espaço, funcionam como dispositivos para o entendimento das futuras ligações entre os moradores das CEU. Desta situação, pode-se afirmar que esta identificação e formação de grupos, iniciada neste ambiente primeiramente hostil, se dá de maneira à autoafirmação e a tentativa de aproximação com sua “identificação de origem” e acionamento e reafirmação de suas “memórias de origem”, mesmo que estes atores nunca as tivessem incorporado ou acionado fora deste contexto específico, mas é que neste tempo-espaço necessita-se desta “reapropriação” – “invenção” para a “sobrevivência” na dada experiência. Uma das moradoras entrevistadas, residente da CEU II e natural do estado do Acre, viu-se a cultivar hábitos e a mudar seu modo de vestir-se, usando e abusando de artefatos de sementes e adereços feitos por índios de sua região, coisa que nunca havia feito ou pensado quando ainda residia no seu estado e na casa dos pais. Disse ela: “Nunca pensei uma coisa dessas... nunca foi o meu estilo, foi inconsciente, sei lá... mas tô gostando”.

Unindo-os assim, em partes aos seus semelhantes, ou chegando muito próximo a isto. Garantindo-lhes a “sobrevivência”, nesta primeira “fricção” de culturas. O momento de chegada à universidade de fixação e permanência em uma moradia coletiva estudantil como esta, se constitui, então, para estes estudantes, no período de maior problemática na

adaptação. O “outro” agora passa a ser visto como parte constituinte do âmago do seu íntimo de vida particular. A proximidade física e a falta de privacidade geram um desconforto que pode até delinear, claramente, as barreiras do “suportável” nesta adaptação para cada um dos indivíduos envolvidos. É este período expressivamente, que define os “sobreviventes” a experiência e os que “abandonam o barco”, desistindo da moradia estudantil ou até mesmo da universidade. Como eles mesmos a caracterizam.

Passado no presente: Fundação, História e memória oficial da UFSM e da Casa do Estudante Universitário

Histórico oficial da UFSM

Segundo os dados oficiais fornecidos pela instituição, as primeiras construções da universidade datam de 1958 e segue:

A Universidade Federal de Santa Maria, idealizada e fundada pelo Prof. Dr. José Mariano da Rocha Filho, foi criada pela Lei n. 3.834-C de, 14 de dezembro de 1960, com a denominação de Universidade de Santa Maria, instalada solenemente em 18 de março de 1961. A UFSM é uma Instituição Federal de Ensino Superior, constituída como Autarquia Especial vinculada ao Ministério da Educação (...).

(...) O campus da UFSM, que abrange a Cidade Universitária “Prof. José Mariano da Rocha Filho”, está localizado na Avenida Roraima, n. 1.000, no Bairro Camobi, onde são realizadas a maior parte das atividades acadêmicas e administrativas. Funcionam no Centro da cidade de Santa Maria outras unidades acadêmicas e de atendimento à comunidade (...).

A área territorial total da UFSM é de 1.863,57 hectares, nos quais as edificações perfazem 267.588,30 m² de área construída no Campus, além de 22.259,41 m² em edificações no centro da cidade (...). (Dados obtidos através do site: www.ufsm.br/histórico/ - acessado dia 20/04/2010)

Há ainda instalações e pólos universitários da instituição em cidades do interior do estado do RS, e via Ensino à Distância – EaD dentro e fora do estado. E possui hoje, 25.243 mil estudantes matriculados nos mais diversos cursos de formação, que vão desde o ensino médio a pós-graduação, 1.682 docentes e 2.684 funcionários. E dentre estes quase 2 mil alunos estão inscritos no Programa de Assistência Estudantil.

(...) A UFSM ampliou o número de vagas na moradia estudantil gratuita que atinge (janeiro de 2005) 1.947 vagas. Três laboratórios de informática e um laboratório de línguas com cursos para estudantes carentes, restaurantes, bolsas variadas completam a Assistência Estudantil da UFSM. (...). (Dados obtidos através do site: www.ufsm.br/histórico/ - acessado dia 20/04/2010)

Origens Históricas dos modelos de Moradias Estudantis no Brasil e os seus desdobramentos no caso da UFSM

As origens dos modelos de Repúblicas Estudantis Universitárias que existentes e estão em funcionamento no Brasil, remontam as influências e padrões dados pela sua antiga metrópole, Portugal. Onde no século XIV, especificamente em Coimbra, berço da academia de Portugal e do Brasil, promoveu-se, através do governo português, a construção de Casas no zoneamento urbano da Almedina em Coimbra. E que deveriam ser habitadas por estudantes selecionados para tal, por uma comissão nomeada pelo Rei e mediante o pagamento pormenorizado de uma taxa, cujo valor seria fixado também por esta comissão. É assim que a partir de um tipo de alojamento comum, que permitia minimizar os encargos financeiros, que derivaria as origens do que hoje conhecemos como Repúblicas Estudantis. Esta modalidade de moradia traz desde sua formação as características da exaltação de valores universais que vão unir o passado ao presente: a vida em comunidade, a soberania, a participação coletiva e a autogestão.

Não obstante, se argumenta que as repúblicas de estudantes no Brasil sucedem às faculdades fundadas durante a regência de Dom João VI, como a Faculdade de Medicina em 1808. Contudo, elas realmente foram consolidadas como tais, durante o reinado de Dom Pedro II. Basicamente, com a fundação da Escola de Minas em Ouro Preto em 1876, onde lá se deu início a formação de uma cidade universitária, com tamanho e características apropriadas. Capaz de ver florescer as repúblicas de estudantes e onde estas se tornariam o centro da vida estudantil, congregando tradição, história e costumes próprios. Em que ao seu entorno foram se cunhando Repúblicas de estudantes, nos mesmos moldes das repúblicas de Coimbra, sendo que as Casas eram de propriedade da Escola e cedidas aos estudantes que pagavam um pequeno aluguel.

A pulverização e institucionalização das repúblicas no Brasil ocorrem concomitantemente, à difusão e construção de inúmeras Faculdades e Universidades Federais pelo país. Isto no período em que a ideologia desenvolvimentista era a predominante no país, nas décadas de 1950 a 60. Porém,

A modernização do ensino superior não foi exclusiva dos anos posteriores a 1960. Um dos exemplos é a duplicação de vagas no ensino superior e a gratuidade nos estabelecimentos federais, a partir de 1950, que permitiu melhorar as oportunidades de escolarização (Cunha, 1983, p. 254).

E viajando um pouco mais na história, aqui no Estado do Rio Grande do Sul, já existia na década de 30, movimentação estudantil e governamental na direção de fundar e consolidar junto a Universidade Federal do Rio Grande do Sul as primeiras Repúblicas Estudantis institucionalizadas e financiadas pela União. Para com isso, garantir o acesso da população ao ensino superior, através da assistência estudantil, propiciando a permanência de alunos carentes em programas de apoio institucionais gratuitos. Todas estas mudanças foram impulsionadas por uma forte organização e reivindicação destes Movimentos na busca por melhores condições de acesso e equidade educacional. Como exemplo a história da fundação da república CEUACA, Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida-UFRGS:

A história de nossa Casa do Estudante remonta a década de 30. A ideia de construir uma Casa para abrigar estudantes carentes fazia parte de um movimento que tinha pretensões mais amplas. Por ser de cunho socialista, esse movimento propunha uma transformação profunda da realidade brasileira. Uma das principais frentes de luta era a moradia estudantil.

Por esse motivo, em primeiro de agosto de 1934, os estudantes da Faculdade de Direito de Porto Alegre se organizaram e fundaram a “Casa do Estudante”. A referida instituição não tinha sede própria. Utilizava-se dos mais diversos espaços, os quais, muitas vezes, inadequados. Com a morte de seu filho Aparício, em 1935, Israel Almeida e Maria Antônia Cora doam o prédio do antigo Edifício Almeida ao Estado para que ali fosse construída a Casa do Estudante do Rio Grande do Sul. (trecho retirado do site <http://www.ceuaca.com.br/historico.html>. Acesso em 20 de abril 2010).

A certa relevância, nesta conjuntura, em se portar neste momento, para uma breve análise da estrutura, do aporte acadêmico e da história do Programa de Assistência Estudantil da UFSM e do patrimônio da Casa do Estudante. É neste sentido que se argumenta sobre a importância deste patrimônio e desta estrutura para a cristalização da significação deste espaço para os (ex)estudantes. Ou seja, perceber o espaço físico também como remanescente de um passado que o caracteriza e particulariza e que é um dos constituidores da memória acionada que estabelece as representações e os limítrofes de pertencimento com este tempo-espaço vivido no presente.

Talvez a razão mais lógica seja a afetiva se recorrermos a Walter Benjamin e seu conceito de memória involuntária retirado da obra de Proust. É porque conhecer a história da cidade e no caso da história da cidade universitária é poder enraizar em territórios de pertencimento, em espaços vividos, o nosso sentimento de pertença, nossa consciência de autoria em uma cidade histórica, que abriga sua memória coletiva. Ao mesmo tempo, o direito à consciência do nosso passado, permite o fluxo temporal das re-invenções cotidianas, das alteridades geracionais que

compartilham na descontinuidade temporal, as marcas patrimoniais de valores arraigados e referências identitárias, uma vez que a cultura é dinâmica e se transforma no processo histórico de indivíduos e grupos sociais. (Eckret e Rocha, 2007, pg. 11)

A data de inauguração da Casa do Estudante Universitário da UFSM⁷, quase que se confunde com a própria data de fundação da Universidade Federal de Santa Maria, isto é, 1960. Tanto o complexo residencial do campus, como o localizado no centro da cidade, estavam contidos em sua proposta de edificação. A diferença localiza-se no fato de ter sido parcialmente concluída, e parcialmente ocupada, uns cinco ou seis anos após. Contudo, ela foi projetada e estava contida no plano e estruturação da universidade desde sua fundação.

Desde suas primeiras ocupações até meados da década de 1980, não havia estabelecido formalmente ou legalmente pela instituição, algum tipo de regulamento ou quesitos de acesso ou permanência na moradia. Os acadêmicos interessados em residir fixavam moradia onde os interessava. Posterior a este período, a ordenação da ocupação deste espaço passou a ser efetuada com o aval normativo da instituição, pelos moradores mais antigos tidos ali, ou por uma comissão eleita e composta pelos mesmos. As condições de aceite ou não de um candidato passavam a ser subjetivas e gerenciadas por cada Casa, no caso CEU I e II⁸, especificamente, através do preenchimento dos pré-requisitos tidos e promovidos como válidos por seus representantes.

Os primeiros estudantes habitantes da CEU eram homens e a circulação nas dependências destas, dava-se quase que exclusivamente por eles, pois a permissão de mulheres conviverem, permanentemente, como moradoras em um tempo-espaço conjunto e coletivo unissex, eram expressamente proibidas pela administração central da universidade e pelas regras morais da época nesta localidade. Consequentemente, a circulação de jovens do

⁷ A Casa do Estudante foi criada para atender a alunos da Instituição, brasileiros, que não possuem lugar para residir e/ou não possuem condições de bancarem financeiramente uma residência particular para efetuar seus estudos. Trata-se de um projeto de “equidade” de acesso ao ensino superior e de assistência estudantil. Este benefício é encaminhado através de um Requerimento (papelada) para pedido de aprovação da assistência estudantil da Universidade, onde se deve preencher e comprovar os devidos requisitos socioeconômicos, para adentrar no programa e na CEU. Isto garante aos estudantes todos os recursos assistenciais fornecidos pela instituição. Há controvérsias a este programa que não serão alvo deste ensaio, neste momento específico, mas cabe pontuar que elas existem e são pertinentes no debate sobre esta coletividade.

⁸ A Casa de Pós-graduação CEU III foi fundada posteriormente, através da luta e reivindicação dos estudantes frente à reitoria da universidade. Especificamente, no ano de 1990 e a partir daí iniciou-se uma luta para a melhoria da assistência estudantil a pós-graduação.

gênero feminino também era vista como não apropriada, dentro deste espaço de ocupação urbana de “má fama”. Só lá pela metade da década de setenta foram introduzidas as primeiras mulheres, que num primeiro momento, ficaram alojadas em um prédio alugado pela UFSM, compondo uma moradia feminina diferenciada. Esta “Casa feminina” funcionou por alguns anos no centro da cidade, localizando-se ao lado da Antiga Reitoria na Esquina das Ruas Astrogildo de Azevedo e Professor Braga. E aparelhada por dois apartamentos no 2º andar, onde se dispunham entorno de oito vagas.

Nos anos 80 esta “Casa feminina” foi extinta, havendo a redistribuição das interessadas em blocos e/ou quartos/apartamentos exclusivamente femininos, mas diluídos dentro da CEU⁹. Com isso, aumentaram as vagas dispostas ao gênero feminino na moradia estudantil. Contudo, apesar da assepsia social de gênero ter sido efetuada com sucesso neste contexto, suas primeiras “moradoras”, mesmo assim, foram alvos de muita perseguição e muito preconceito por serem integrantes desta modalidade de habitação. E contribuindo para “revolucionar” ainda mais esta condição, no ano de 1986, alguns alunos da CEU I, decidiram fundar o primeiro quarto misto. É como relata um ex-morador entrevistado e um dos mentores deste feito:

O ano era 1986. A universidade estava em polvorosa. Tínhamos acabado de fundar a Associação dos Bolsistas e Monitores e a Assembleia Geral da UFSM estava sendo organizada. Pela primeira vez, um reitor eleito estava à frente da universidade. Eram tempos de muita mobilização pró-melhorias estudantis. Em meio a todo este panorama, uma amiga, estudante de Zootecnia, me procurou dizendo que havia chegado a Santa Maria um Casal de irmãos de El Salvador, que não poderiam morar na CEU por serem estrangeiros. Conversamos entre si e decidimos ocupar um quarto que estava vago, o 73, levando conosco para dentro do mesmo os salvadorenhos. E assim fundamos o primeiro quarto misto. Que na época gerou muita polêmica... (risos)... Queriam nos tirar da universidade! Até no principal jornal da cidade saiu a nota da “pouca-vergonha” que estava sendo admitida na UFSM. (fala de ex-morador entrevistado)

Todas essas colocações e dados sobre a história e os percursos traçados pela modalidade de repúblicas estudantis no Brasil, e na UFSM em particular, simbolizaram as fortes referências e acalentaram o florescer de um intenso reconhecimento e identificação de grupo frente às representações e vivências neste espaço. Que serviram de palco e pano de

⁹ Estas considerações sobre a data exata de sua inauguração, como seu funcionamento, em geral, foram-me dadas e fizeram parte, de todo o discurso proferido pelos próprios (ex)moradores, pelas diretorias e comissões da Casa e por funcionários; além de dados e documentos coletados da Instituição.

fundo para o desenvolvimento de articulados grupos como os de movimento estudantil, entre outros. Aonde reivindicaram melhorias sociais e estudantis e combateram à ditadura militar. Eles prestaram-se, igualmente, a lapidação e articulação político-partidária e lançaram muitos líderes e políticos para as arenas e cenário brasileiro.

Constituíram os emblemas da irreverência, da rebeldia e da diferença em si, tudo isso, abrigados e sob o endosso de pertencerem e habitarem uma moradia estudantil, a qual legitimou esta identificação e acionou uma condição particular nem sempre positiva ou bem vista aos seus integrantes, mas legítima na composição de suas experiências. Apesar disso, em alguns casos pelo peso da parcela de negatividade, a associação ao patrimônio da CEU, por muitas vezes foi e/ou é renegada ou dissimulada por este (ex)morador, seja por medo, por receio ou por vergonha. Este fato se mostra como um dado que não pode ser descartado e que vem a corroborar com a posição defendida por este ensaio. Ou seja, é inegável a relação e peso calcados e absorvidos por suas subjetividades ao habitarem e identificarem-se como membros desta coletividade potencialmente definida por um patrimônio físico e simbólico. O que é intensamente imprimido as subjetividades e a socialização destes indivíduos. Trata-se de um espaço rico e plural que incorpora e é incorporado pelo seu patrimônio sendo vestido como agente sociocultural ativo e atemporal, onde sua relevância e simbologia perpetuam e transcendem a sua territorialidade física. E no presente, este conjunto encontra abrigo por meio da memória de seus (ex)ocupantes nos arranjos do seu passado e na conservação deste vínculo patrimonial encontrando respaldo para a “sobrevivência nesta coletividade”.

Moradia estudantil: produção de vínculos com o patrimônio a partir da produção de vínculos com a moradia

Ao valorizar essa etapa do processo de investigação, principalmente na análise da diversidade cultural e do universo simbólico destes atores imersos nesta conjuntura de um tempo-espaço pensado e vivido dentro desta experiência universitária passada ou presente. Este ensaio parte na direção de tentar compreender a importância patrimonial deste espaço para a localidade ao qual está inserido, bem como seu papel dentro da própria instituição Universitária, como seu poder de simbolização e representação para cada agente que dela

faça ou tenha feito parte. Pensando sempre a questão do patrimônio enquanto relação do homem com o espaço e destes com a memória para pensarem e viverem o presente.

E, com isso, a compreensão dos tipos de relações estabelecidas com o patrimônio tendo por base o reconhecimento de seu valor histórico e estético, com um padrão arquitetônico modernista e funcional, atendendo a um anseio nacional de crescimento, ordem e aceleração a todo custo. E imerso num tempo-espaço que foi e é pensado e vivido por esta coletividade como membro ativo constituinte da memória e das referências identitárias de uma comunidade que apesar de fisicamente transitória em suas dependências alocaram a este ambiente, referências e valores permanentes. Isto é, o modelo de arquitetura e de disposição do patrimônio da CEU, esta diretamente relacionada aos processos de socialização destes estudantes (Zarankin, 2001).

O reconhecimento tácito ou manifesto de pertencimento a este universo é subjetivado na sua intimidade e no processo de socialização deste ator junto aos demais moradores e nas relações travadas na exterioridade desta territorialidade. E pode-se considera-la presente, por exemplo, quando um ex-morador é interpelado por esta pesquisadora sobre a sua experiência e este, de forma fugidia, troca de assunto e afirmativamente declara que não gostaria de relembrar desta passagem da vida. Ou quando um atual morador esbraveja aos quatro ventos e cria comunidades virtuais identificando-se como pró-moradia estudantil e na defesa de “valores históricos” que congregam este universo.

A simbolização cultural deste patrimônio, enquanto coletivo, perante seus (ex)ocupantes e não ocupantes acionaria o discurso e uma narrativa com referências a um lugar constituído por uma memória tempo-espaço. Tanto salvaguardando um imaginário mítico e heroico historicamente travado e constituído por seus ocupantes dentro dos movimentos estudantis, o que já cola aos seus atuais residentes estes predicados. Como em contrapartida, quando há uma representativa identificação dos (ex)residentes, ligadas as estigmatizações depreciativas intrinsecamente relacionadas a desvios de comportamentos e caracteres.

Isto quer dizer que ao marcar temporalmente e espacialmente suas condições de moradores, de traçarem um cotidiano, uma postura e condição distintiva dos demais universitários, de repousarem em cima de memórias histórico-patrimoniais legítimas em suas

funções e simbolizações particularizadas. Carregam marcas consigo em suas vidas e trajetórias. E conseqüentemente, uma identidade é colada a eles, uma noção de pertença que guia sua postura e imaginário frente à comunidade da região e da instituição. Estes atores de uma maneira ou de outra sofrem uma estigmatização por serem quem são e por estarem a onde estão, o que culminaria numa forma de tratamento e de comportamento diferenciada, tanto sofrida por eles quanto esperada deles. Longe de ser vista com bons olhos, a moradia estudantil foi e é alvo de preconceitos, aonde o morador é visto com desconfiança. Principalmente quando se presencia um som de “... Humnnn..., morador da Casa”, pronunciado espontaneamente por muitos indivíduos. Como é reproduzida na fala de um cidadão santa-mariense, transcrita abaixo:

Um destes loucos revolucionários comunistas, que na verdade não querem nada com nada, só querem se chapar e beber e as meninas pior ainda, são umas putinhas, aquele cortiço, funciona mais como um prostíbulo. E esta gente acha que vive mal, a... tá, não pagam nada, estão sempre ‘mamando’ no governo, dependendo deles e sempre reclamando.

Isto quer dizer que, segundo Pierre Bourdieu:

Às diferentes posições no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de desvios diferenciais que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência. As práticas e as propriedades constituem uma expressão sistemática das condições de existência (...) (BOURDIEU, 1983, p. 82).

Ou seja, no mapeamento do “Campo social”, onde se relacionam e que dele fazem parte, compreende-se que estes atores sociais estão inseridos espacialmente neste determinado campo social, com a posse de grandezas de certos capitais e de um “*habitus*” particularizados. Que juntos, condicionariam o seu posicionamento espacial e, com isso, identificar-se-iam com uma classe social pela posse deste capital simbólico e bagagem histórica patrimonial acionada nesta experiência. E para este ator social tentar ocupar um espaço é necessário que ele conheça as regras do jogo dentro do campo social e que esteja disposto a jogar (Bourdieu, 2007). Estas noções e posições de classe de Bourdieu clarificam, de maneira muito mais precisa as modestas condições socioeconômicas e as bagagens culturais particulares destes (ex)moradores ao aportarem na universidade. Vindos quase que em sua totalidade de cidades interioranas, e/ou fugindo de situações inóspitas aos seus olhos, para adentrarem no que acreditam ser um crescimento para as suas vidas. Para tanto caracteriza também as condições ofertadas e garantidas pelo programa de Assistência

estudantil da UFSM e aponta as categorias que levaram este perfil de população a agregar o sistema de moradia estudantil.

O sentimento de desamparo que os personagens experimentam em seu processo de mudança na condição de moradia é provocado, num primeiro momento, pelas rupturas afetivas, sociais e culturais que os envolvem, mesmo que eles façam questão dessas rupturas, partindo para o que lhes parece ser promissor e desafiador, na busca pelo “novo”. Assim, a acolhida propiciada, tanto da instituição e de sua prestação de serviços assistenciais, como a dos já residentes da CEU, torna-se um elemento importante na construção dos estilos de adaptações que serão vividas por estes (ex)moradores. A fala de uma moradora retrata muito bem o impacto da passagem por esta experiência. Relatando sua primeira data comemorativa longe da casa dos pais, no interior do RS, passando, em meio à coletividade dos alojamentos da União, junto com outros estudantes, ela contou:

Era páscoa, nós tínhamos acabado de chegar à universidade e não tínhamos dinheiro para ir para Casa, então resolvemos permanecer todos juntos e juntarmos os “trocós”, para fazermos uma janta. Ficamos a noite toda juntos, conversamos, nos conhecemos, choramos, relembramos nossas vidas e nossos sonhos. Estávamos com medo, mas foi muito boa aquela noite, para todos os presentes. Apesar de termos nos sentidos um pouco excluídos e deslocados... sabe como é, né.

O espaço universitário em questão compreende um amplo campo em que ao ambiente e ao morador são atribuídos divergentes significados. Este espaço inegavelmente é um produto social repleto de intencionalidades e representações, integrando ou contrapondo ordens distintas de sua produção e subjetivação (Gamalho, 2009). O espaço da Casa então,

(...) é amplamente fracionado, fracionando também as pessoas, que constroem suas identidades a partir do pertencimento à determinada área. Por esta lógica, o morador, ao mesmo tempo em que o representa é representado por ele. Todavia os conhecimentos acerca dos lugares são elaborados e hierarquizados, classificando os espaços como nobres ou marginalizados, constituindo representações alicerçadas nas distinções socioespaciais. (Gamalho, 2009, p.10).

E a autora continua, “o espaço não confina, mas limita a circulação delineando as relações de uso ou de pertencimento. Há todo um universo simbólico que atua na familiarização dos espaços, tornando-os estranhos para os sujeitos que não compartilham de seus códigos.” (2009, p. 17). A CEU se reafirma enquanto espaço no desenrolar do processo histórico e dos usos que vão se fazendo dele, do que é acionado, do que é reinventado ou esquecido e a memória coletiva neste sentido torna-se ferramenta indispensável. Vê-se o

patrimônio da moradia estudantil em correlação com as estruturas espaciais da arquitetura e do urbano somadas ao conteúdo do que é socialmente e culturalmente criado. É a partir de sua produção social que o espaço agrega sentido, simbologia e pertencimento. Neste argumento não há espaço que não contenha intencionalidade, jogos de poder e criação, e nesta acepção, tornam-se produtos e reflexos, ao mesmo tempo em que produzem vínculos simbólicos de identificação com a comunidade em questão. É o trato com a cultura do material patrimonial no cotidiano de cada estudante, na preservação dos símbolos de significação histórica que proporcionam uma identificação presente e coletiva como uma das tantas formas de significar e de viver esta experiência. Como modelo, a realização de uma exposição no hall de entrada da CEU I exaltando os fatos e acontecimentos coletivos de ex-residentes, por meio de fotos, poesia e relatos de história oral na recepção promovida aos ingressantes pelos já residentes.

Memória como dispositivo de sociabilidades e do processo de identificações

Tenta-se explorar aqui, a possibilidade de “sociabilidade”, como prática de confraternização e reconhecimento, simultaneamente realçando diferenças e realizando separações, principalmente quando está em questão a afirmação de certas memórias e identidades. Ademais, esse processo está sempre inserido em relações de poder, de forma que se disputa com o outro “status”, prestígio, posições de superioridade ou inferioridade. Consequentemente, as práticas de sociabilidade que acentuam uma memória e/ou uma identidade específica trarão, de maneira mais ou menos explícita, esses caracteres, positivo e negativo – fazendo alusões àqueles que são incluídos e/ou excluídos –, bem como elementos das negociações de existência e legitimidade em pauta. Trata-se da questão do “código de alianças”, de sua existência e de sua importância relativa em diferentes culturas (Velho, 2002, p. 23). Em discordância com o processo de união e solidariedade interna podemos observar, através da delimitação de fronteiras, a exclusão dos “diferentes” e “externos” ao Grupo da CEU, ou subgrupos (grupos distintos de moradores por “afinidades” dentro das CEU’s).

Entre os (ex)moradores estudados, a preocupação com o pertencimento é central e tem como desdobramento o delineamento de grupos distintos, com base em estilos de vida e

visões de mundo particulares dentro de uma mesma camada social. O que vale destacar aqui é que, nessa dinâmica de diferenciações, encontramos um discurso que essencializa diferenças – colocando-as mesmo no plano do “estigma” (Goffman, 1982) – cuja origem é social e cultural, seja em virtude da diversidade de estilos de vida dentro de um mesmo segmento social, seja pela diferença de classe social e de origem regional. O que torna esse caso interessante é a possibilidade de explicitar, através dele, um duplo aspecto da sociabilidade. Ao mesmo tempo em que implica a associação prazerosa entre um grupo específico de pessoas, destacando certos valores seus, delimita por contraste e exclui outros grupos distintos. Ao promover a ênfase de algumas identidades “particulares” e dentro delas por coexistirem memórias específicas, outras ficam necessariamente de fora. Os (ex)estudantes que se identificam como “(Ex)Moradores da Casa” o fazem com referência e diferenciando-se a outros externos que não o são. Baseados em construções simbólicas próprias e negociadas que remontam questões de pertencimento e escolha.

O olhar de Bhabha, para formular o conhecimento da cidade enfoca o presente como momento de síntese e ponto de partida para a criação do novo, para conhecer as mutações, os deslocamentos, as migrações que ocorrem sobre os sítios urbanos, inclusive a produção e configuração de novas identidades.

(...) Neste *fin de siècle*, encontramos-nos no momento de trânsito em que o espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão; (...) podemos confundir nossas definições de tradição e modernidade, realinhar as fronteiras habituais entre o público e o privado, o alto e o baixo, assim como desafiar as expectativas normativas de desenvolvimento e progresso. (...) Nesse deslocamento, as fronteiras entre Casa e mundo se confundem e, estranhamente, o privado e o público tornam-se parte um do outro, forçando sobre nós uma visão que é tão dividida quanto desnorteadora (Bhabha, 1998, p. 19-30).

Aborda-se aqui, um olhar sobre a identidade urbana e suas formas, que levam em consideração o presente. Pela lente das memórias do social, na perspectiva de uma prática de conhecimento do tempo-espaço da cultura local e do patrimônio estudantil enquanto reflexo de uma organização social, sendo possível rever a imagem da Casa. Toma-se, então, emprestadas as considerações sobre identidade de Michel Agier:

(...) no campo, hoje em dia, o etnólogo encontra-se muito mais frequentemente diante de culturas identitárias em fabricação do que perante identidades culturais totalmente prontas, as quais ele teria apenas que descrever e inventariar. A cultura declarativa torna-se o argumento da declaração de identidade que é a forma de

existência social da identidade. Com o fim das “grandes narrativas” nosso mundo encontra-se em uma fase de criatividade intensa feita de múltiplas buscas identitárias e, simultaneamente, de novas culturas declarativas de identidade (...) (2001, p. 19-23).

Os personagens protagonistas desta pesquisa confrontam-se com uma multiplicidade de identidades possíveis e mutáveis, com as quais eles podem, pelo menos de forma provisória, se identificar. Mas detenho-me ao recorte de Identidade institucional, donde se sobressai uma construção histórica que se dá a partir da relação dialética que ocorre em um determinado espaço geográfico entre indivíduos e /ou grupos que definem um conjunto de ideias, valores, memórias, normas e leis que caracterizam um determinado tipo de convívio social num tempo-espaço.

Estes moradores já são rotulados simplesmente por residirem e/ou transitarem neste ambiente específico, sem precisar inclusive, identificá-los ou nomeá-los individualmente. A Casa do Estudante é vista de uma maneira geral como sendo um lugar turbulento, no qual residem pessoas com poucos recursos financeiros, sendo encontrados ali, em consequência, indivíduos e (sub)grupos “desviantes”. Apenas pelo fato de morarem nesses prédios já constitui um símbolo de estigma, e se torna importante verificar como os moradores em questão vivem esta situação de “estigmatizados” (Velho, 1989, p. 119). É todo um discurso fabricado que vai dar conteúdo a este viés de memória estigmatizante que interpela cada indivíduo que participa deste contexto habitacional. E esta memória vai se difundindo ao mesmo tempo em que vai criando raízes em “supostos” pressupostos que dariam veracidade a sua existência e ressonância na sociedade e entre estes (ex)moradores.

Diante do cotidiano da Casa e da interpelação a ex-residentes, vivenciado em campo, verificou-se que, tanto alguns (ex)moradores quanto a comunidade da localidade, atribuem o estigma relacionado, a característica do tipo moradia e aos seus ocupantes. No entanto, mediante as observações e entrevistas, pouquíssimos casos narrados ou registrados tinham algo a ver com pessoas rotuladas “desviantes”. Predominando quase que constantemente, incidentes entre vizinhos, namorados, reclamações de barulho, de sujeira e bagunça feita e de brigas entre colegas de quarto.

E mais marcante ainda, foi verificar que, pessoas de fora do contexto da CEU, generalizam esta situação. Então “desviantes” passam a ser a totalidade da Casa passada ou

presente. Entretanto, os atuais moradores gostavam de ser enfáticos ao afirmar que “agora a situação tinha melhorado”, referindo-se a um passado que teria sido muito pior, “quando a zona seria constante” e os desviantes eram quase que sua totalidade. E que a “fama ruim da Casa”, devia-se principalmente a esse período. “E que agora se tratavam de casos ‘isolados’, tanto com certos grupos como, de certos indivíduos, tidos como as figuras da Casa”. A maneira que os atores encontram para enfrentar esta realidade é achando “bodes expiratórios”, que possam ser apontados pelos problemas da moradia estudantil (Velho, 1989, p. 123). Tanto no presente quanto na construção e/ou evocação de uma “memória politizada” de um passado longínquo que deve ser esquecido e/ou reinventado e tido como emblema. Todavia estes (ex)estudantes “jogam” com esta identificação, suprimindo-a ou acionando-a quando os próprios recorrem a estas estratégias para a obtenção de algum benefício e/ou esquecimento.

Os estudantes se sentem então marcados por morarem onde moram, afetando o seu prestígio social e de alguma maneira o seu convívio com os demais. O preconceito existente para com estes grupos está implícito nas atitudes e na criação de fronteiras para a interação. Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade para uma política da diferença (Stuart Hall, 1998).

O contato entre culturas, memórias e identidades diferentes dentro desse espaço, propiciaram invenções de novos modos de serem e de sentirem-se pertencentes. Então, a identidade passa a ser uma das maneiras encontradas de “representar o seu pertencimento”, por parte desses (ex)moradores. Emitem-se, portanto, os desejos de identificarem-se fortemente com a cultura que se deixou, da idealização deste campo simbólico, por meio da memória, que os fazem sentirem-se ‘alguém’ e sentirem-se ‘pertencendo’ a algo (Wulfhorst, 2005).

É o acionamento da memória coletiva (Halsbwachs, 2009) em diferentes esferas e aspectos que propiciam a eles uma maior habilidade em lidar com o processo de migração e de ressocialização neste ambiente. Há então um fluxo muito grande de resgate de memórias históricas, oficiais, marginalizadas, institucionais, familiares, regionais e individuais. Um

embate constante transcorre neste processo, onde cada um compõe através da interação com o “outro” seus significados e sua representação. E sua união e afirmação são marcadas, pelo reconhecimento da proximidade de um “igual”, em meio a tanta diversidade. Onde estes “iguais” se reúnem para relembrar histórias, acontecimentos e cultivar tradições no avivamento destas memórias. E, portanto se mantêm “vivos” enquanto sujeitos culturais.

O sujeito cria, então, seu processo de pertença a este tempo-espaço, desenvolvendo diferentes maneiras de apropriação de elementos das várias “culturas”, dispostas ao seu redor, combinando-as e transformando-as, desafiando até o sentido de quem “são”. Todavia, é preciso reconhecer o desejo da não integração e identificação por parte dos atores, constituindo diferenças que também precisam ser respeitadas. De acordo com (Santos apud Gimson, 1999, apud Wulfhorst, 2005, p. 41) “Temos direito a reivindicar a igualdade sempre que a diferença nos inferioriza e temos de reivindicar a diferença sempre que a igualdade nos descaracteriza”.

Então, não caberia, de certa maneira, dizer aqui “uma identidade”, mas um emaranhado de símbolos significantes dos quais eles apropriam-se para formarem suas “múltiplas identidades”. Sendo que “um símbolo e uma memória, não significam, ao contrário evocam e focalizam, reúnem e concentram de forma analogicamente polivalente, uma multiplicidade de sentidos que não se reduzem a um único significado, nem apenas a alguns” (Alleau, 1982. apud Wulfhorst, 2005). E fazem com que essas identidades continuem de alguma forma, profundamente envolvidas nos processos de representação junto a este tempo-espaço patrimonial.

Considerações finais

As evidências do trabalho de campo demonstraram um cenário diversificado e pluralizado, no qual os estudantes, ao aportarem na CEU, deparam-se com uma realidade muitas vezes não desejada, mas necessária para a sua inserção e permanência na universidade. Sem contar à peculiaridade que assinala ao caracterizar este tipo de migração como um processo/fenômeno transitório, não constituindo uma situação intransponível ou permanente. Mas sem sombra de dúvidas é uma condição que marca e modifica a vida e a compreensão sociocultural e simbólica dos envolvidos, tanto em suas relações sociais, como

em sua noção de pertencimento e de construção de memória que passa a ser negociada e vinculada a este patrimônio. “(...) sabe-se que mesmo os bens claramente definidos pela materialidade e permanência de seus suportes, como as edificações, são depositários de múltiplos significados que só podem ser recuperados a partir das relações estabelecidas entre seus elementos constitutivos.” (Magnani, 2004, p.8).

De maneira geral, estes tentam encontrar uma forma de melhor se adaptarem as mudanças e de viverem bem, construindo e procurando alternativas, que propiciem um “bom” percurso, ao passarem e “reavivarem” esta condição. Abrindo espaço à apropriação de signos de pertencimentos apoiados numa construção histórica que perpassa os usos e/ou abusos de significações que o patrimônio simboliza e promulga a estes personagens.

A categoria de patrimônio com cunho antropológico, ou seja, como categoria do pensamento, constituída a partir da relação do homem com o espaço, propiciou uma abordagem das relações estabelecidas com o patrimônio universitário através de uma reflexão sobre esta coletividade. E focalizou os bens e artefatos culturais representados pela arquitetura, pelos objetos, pela conjuntura urbana institucional e pela memória coletiva, como constituintes de um sentido de pertencimento sob a apropriação do espaço no tempo. Focalizando no poder de sua simbolização, isso quer dizer que, primou conhecer o comportamento da cultura material da CEU e as regras de sua utilização, levando em consideração as relações com o ambiente em questão, do mesmo modo em que aceitou o envolvimento de memórias.

No entorno das CEU's percebeu-se que existem fronteiras precisas e que seu contato com o exterior da localidade e da instituição foi e é feito de forma a essencializar as diferenças e divergências. O impacto dessas formas de segregação no cotidiano e nas relações sociais das pessoas e grupos é uma questão efetiva para se compreender o universo da Casa. Mesmo não adotando uma relação determinista entre o espaço e o comportamento social nele, leva-se em consideração a associação entre o tipo de composição e distribuição da estrutura do espaço físico universitário e as formas de segregação, de hierarquização e controle presentes neste lugar como componentes importantes. Acaba-se por encerrar formas distintas de utilização e ocupação destas estruturas espaciais, que não são iguais e fazem a mediação das práticas sociais ali travadas.

Todavia nas moradias estudantis, percebe-se que a distância geográfica que separa uma moradia contida no campus universitário e outra contida no centro urbano da cidade, pouco as diferencia no trato dado e recebido de significação. Durante a pesquisa foi possível perceber ordenamentos e regularidades (Magnani, 2004), nos espaços da CEU, que serviram de palco para as vivências coletivas e para os vínculos de sociabilidade e solidariedade. Contrastando com o quadro de isolamento, desordem e fragmentação dentro da qual este patrimônio é descrito. (Magnani, 2004). Declarativamente, posto num panorama tempo-espaço social que se equilibra entre a esfera pública e a privada o que fica devidamente registrado nas vivências cotidianas destes atores. Há aí manifestações de uma ou de variadas culturas materiais e identidades espaciais, institucionalizadas, que vão sendo construídas e perpassadas dentre seus temporários moradores, sendo que elas nunca deixam de ser reinventadas compondo um cenário que se poderia descrever como a associação entre a forma urbana e o comportamento social urbano da CEU.

As memórias, enquanto constituem um tipo de construção eminentemente social e coletiva são compartilhadas através do convívio social e das narrativas destes (ex)moradores, com os demais, na socialização e por meio da fomentação da sociabilidade particularizada de grupo. A identificação dependeu, neste universo, de um certo tipo de permanência do “semelhante”, assente nesta recordação.

A existência daquela coletividade está marcada constantemente por uma reorganização de valores, condutas, comportamentos, memórias e identidades. Estes personagens aprendem a atenuar suas fronteiras culturais, abrindo caminho para uma flexibilidade, uma negociação e até uma “tolerância”, ou exclusão ao “outro”. Caracterizando propriedades distintas de um estilo de vida diferenciado, em uma coletividade universitária. A presença dos laços afetivos, e de identificação, é essencial, para a sobrevivência de suas memórias e dos próprios sujeitos, assim como, o reconhecimento e a defesa dos seus lugares neste mundo.

Desse modo, torna-se possível incorporar a experiência patrimonial como parte integrante de seu próprio modo de sentir-se e viver em coletividade. Isto permite levar a criatividade à abertura de novas realidades, ao reconhecimento do outro, à renegociação de relações, à interação, à relativização dos valores. E como tal a (re)invenção e manutenção de

memórias diversificadas e “plurais”. Mas não desconectadas da atmosfera constituinte de um passado que reveste o cotidiano presente de significações. Onde o espaço pensado e projeto pelo imaginário e pelo senso comum, nem sempre, faz uma correspondência adequada com as vivências alocadas.

Enfim, o cotidiano da Casa do Estudante está longe de ser o ideário contido na sociedade, mas é um pequeno exemplar das complexidades da vivência coletiva urbana. Sua organização se dispõe tão complexamente quanto cada um de seus indivíduos ocupantes. A importância da CEU, para estes jovens é incontestável, pois sem ela, estes personagens teriam poucas chances de conseguirem se manter na universidade. Com isso, as possibilidades de conclusão de um curso superior e de uma tentativa de ascensão social, estariam ameaçadas. Apesar dos problemas e das brechas existentes dentro dos programas de assistência estudantil, ainda assim, o seu funcionamento garante que quase dois mil alunos tenham uma oportunidade de adentrar no universo universitário e, isso, por si só, já “vale o sacrifício”, como afirmou um dos moradores.

Referências Bibliográficas

AGIER, Michel. **Distúrbios Identitários em Tempos de Globalização**. In: Mana, Rio de Janeiro, nº 7., 2001.

BASTOS, Maria Helena Camara; STEPHANOU, Maria(Orgs.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil: Vol. III – Século XX**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BAUER, Martin W. e GASKELL, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com Texto, imagem e som: Um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BERGER, P. & LUCKMANN, Th. (1983). **A construção social da realidade**. 5 ed. (F. de S. Fernandes, Trad.). Petrópolis: Vozes.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BIGOSSI, Fabiela. **Entre cidades, famílias e redes de pertencimentos: Pesquisa antropológica e Etnográfica sobre as trajetórias, itinerários, estilos e projetos de vida de estudantes universitários residentes em Porto alegre oriundos de cidades Interioranas**. Banco de teses e dissertações UFRGS. Acessado em 26/06/2010. disponível em: <http://www.ufrgs.br>.

BRUM, Ceres Karam. **Maison du Brèsil: Um território brasileiro em Paris**. Santa Maria, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução de Sergio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos Vieira. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____, _____. **O Poder Simbólico**. 10ª edição, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____, _____. **Gosto de Classe e estilo de vida.** In: Pierre Bourdieu: Sociologia. 2 ed.. São Paulo: Ática, 1983.

BURKE, Peter J., STRYKER, Sheldon. **The Past, present, and future of an identity theory.** Social Psychology Quarterly, Vol. 63, No. 4, Special Millenium Issue on the State of Sociological Social Psychology, (Dec., 2000), pp. 284-297. Publicado em: American Sociological Association Stable. disponível em: URL: <http://www.jstor.org/stable/2695840> Accessed: 14/08/2008 17:12.

CARDOSO, Org^a. Ruth. **A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CARIGNATO, Taeco Toma. **A Simbolização das Experiências de Migração.** In: Travessia Revista do Imigrante: Implicações Psicológicas. nº 53. São Paulo. CEM, 2005.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio.** Tradução: Teresa Castro. Lisboa: Edições 70. 2000.

CUNHA, Luiz Antônio. **A Universidade crítica: o ensino superior na República Populista.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando. Uma Introdução à Antropologia Social.** Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

_____, _____. **A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAWSEY, J. C. **Tuner, Benjamin e antropologia da Performance: O lugar olhado (e ouvido) das coisas.** Campos, V. 7, n. 2, 2006, pp. 17-25. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/view/7322>.

DEBIAGGI, Sylvia Dantas. **Migração e Implicações Psicológicas: Vivências Reais para o Indivíduo e o Grupo.** In: Travessia Revista do Imigrante: Implicações Psicológicas. nº 53. São Paulo. CEM, 2005.

DENZIN, Norman K. e LINCOLN, Yvonna S. **O Planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

DOUGLAS, Mary. **Como pensam as instituições.** São Paulo: EDUSP, 1998.

ECKERT, Cornelia. ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Cotidiano Acadêmico e Patrimônio Universitário: ritmos de duração na cidade.** Revista Iluminuras. Capa > v. 8, n. 18 (2007). Acessado dia: 26/06/2010 Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9263>.

_____, _____. LIMA FILHO, Manuel F. BELTRÃO, Jane (Orgs.). **Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos.** Blumenau: Nova Letra, 2007.

FERREIRA, Ademir Pacelli. **O Pathos no Deslocamento: Terreno de Estranheza e Psicose.** In: Travessia Revista do Imigrante: Implicações Psicológicas. nº 53. São Paulo. CEM, 2005.

FONSECA, Claudia. **Quando cada caso NÃO é um caso: Pesquisa etnográfica e educação*.** In: Revista Brasileira de Educação. Nº10, Caxambu-MG, 1999.

FROEHLICH, Charles Andrade. **A Boca do Céu: (Edifício- Desafio).** Santa Maria: Pallotti, 1995.

GAMALHO, Nola Patrícia Gamalho. **A produção da periferia: das representações do espaço ao espaço de representação no Bairro Restinga.** Porto alegre, RS. Dissertação – UFRGS, 2009

GEERTZ, Clifford. **O Saber Local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____, _____. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____, _____. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1989.

HAGUETTE, Teresa Maria F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1992.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo – SP. Centauro. 2009.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HISTÓRICO DA UFSM – Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2007. Disponível em: <<http://www.ufsm.br>>. Acesso em 20 de Abril. 2010.

HISTÓRICO DA CEUACA - Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida. UFRGS. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://www.ceuaca.com.br/historico.html>. Acesso em 20 de abril 2010.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A Crise Moderna da Antropologia**. In: Revista de Antropologia. Vol. 10, n. 1 e 2.

MACHADO, Juciara Teixeira. **(Re)configurando Identidades: Etnografia sobre moradores da Casa do Estudante CEU II**. Monografia de Graduação, 2007. Santa Maria. UFSM.

MACHADO, Otávio Luiz. **Reconstrução Histórica das Repúblicas Estudantis da UFOP**. Anais do IV SEMPE – Seminário de Metodologia para Projetos de Extensão, São Carlos 29-31 ago. 2001.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: Um Relato do Empreendimento e das Aventuras dos Nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia**. São Paulo: Abril, 1984.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Etnografia como prática e experiência**. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n.º 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

_____, _____. **Cidade universitária: patrimônio e identidade**. In: Cidades Universitárias: Patrimônio Urbanístico e Arquitetônico da USP. São Paulo, EDUSP, Série Cadernos CPC, 2004. disponível em: <http://n-a-u.org/magnani-cid-universit.html>. Acesso em: 07/07/2010.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir e Escrever**. São Paulo, USP, 1996, V. 39, n.º 1.

_____, _____. **A Categoria de (Des)Ordem e a Pós-Modernidade da Antropologia**. In: Anuário Antropológico/86. UNB. Brasília, 1988.

_____, _____. **Os (des)Caminhos da Identidade**. Revista brasileira de Ciências Sociais. Vol. 15. n.º 42. São Paulo, 2003.

OLIVEN, Arabela Campos. **A marca de origem: Comparando colleges norte-americanos e faculdades brasileiras**. In: Cadernos de Pesquisa. V. 35, n.º 125, p. 111-135, maio/ago. 2005.

PEIRANO, Mariza. **Uma Antropologia no Plural**. UNB, Brasília, 1991.

_____, _____. **A favor da etnografia. Versão Original**. UNB, Brasília, 1992.

_____, _____. **Os Antropólogos e suas Linhagens**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. nº 16. Anpocs. SP, 1991.

PEREIRA, Sílvia R., COSTA, Benhur P., SOUZA, Edson B. C. (Orgs.). **Teorias e práticas territoriais: análises tempo-espaciais**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

PEREZ, Léa Freitas e RENHARDT, Bruno Mafra Ney. **A Lição de Escrita**. Horizontes Antropológicos vol.10 no.22 Porto Alegre Jul/Dec. 2004.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

_____, _____. **"Memória, esquecimento, silêncio"**. Publicado em: Estudos Históricos 3 (1989).

RICCEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007.

RIGATTI, Décio. **Do espaço projetado ao espaço vivido – modelos de morfologia urbana no conjunto habitacional Rubem Berta**. Tese – UFRGS, 2009.

ROCHA, Gilmar. **Cultura popular: do folclore ao patrimônio**. Mediações. V. 14, nº 1, p. 218-236, jan./jun. 2009.

ROCHA-COUTINHO. Maria Lúcia. **Dos Contos de Fadas aos Super-heróis: Mulheres e Homens Brasileiros Reconfiguram Identidades**. Disponível em: <http://sphere.rdc.pucrio.br/sobrepuc/depto/psicologia/download/pdf/Maria%20Lucia%20Rocha-Coutinho.pdf>. Acesso em: 02 Jun. 2006.

ROCKWELL, Elsie. **Etnografia e Teoria na Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 1986.

_____, _____. **El dialogo entre Antropologia e História**. In: La experiencia etnografica. Historia y cultura em los procesos educativos. Buenos Aires: Paidós, 2009, p. 143-156.

RIGATTI, Décio. **Do espaço projetado ao espaço vivido: modelos de morfologia urbana no conjunto Rubem Berta**. Banco de Teses da UFRGS.

SANDERS, Jimmy M. **Ethnic Boundaries and Identity in Plural Societies**. Annual Review of Sociology, Vol. 28, (2002), pp. 327-357 Publicado em: Annual Reviews Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/3069245> Accessed: 14/08/2008 17:01.

SAYAD, A. **A Migração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. **Questões de fronteira: Sobre uma antropologia da história**. In. Novos estudos - CEBRAP nº.72. São Paulo, Julho/ 2005.

SILVA, Cristhian Teófilo da. **Sobre a interpretação antropológica: Sahlins, Obeyesekere e a racionalidade havaiana**. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2002, V. 45 nº 2.

SILVA, Cristiano Manoel da. **Memória e Identidade: em busca de um lugar seguro**. Texto integrante dos Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. 08 a 12 de setembro de 2008. Cd-Rom.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TODOROV, Tzvetan. **Memória do mal, tentação do bem: Indagações sobre o século XX**. São Paulo: Arx, 2002.

WULFHORST, Cristina. **A (Re) Invenção de Identidades no Processo de Integração de Imigrantes Latino-Americanos**. In: Travessia Revista do Imigrante: Implicações Psicológicas. n° 53. São Paulo. CEM, 2005.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e Sociedade: Uma Experiência de Geração**. Rio de Janeiro: J.Z.E., 2002.

_____, _____. **Projeto, Emoção e Orientação em Sociedades Complexas**. In: Boletim do Museu Nacional. n° 31. Rio de Janeiro, 1979.

_____, _____. **Desvio e Divergência: Uma Crítica da Patologia Social**. Rio de Janeiro: J.Z.E., 1989.

_____, _____. **O Futuro das Ciências Sociais e a Importância de seu Passado**. In: SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS, n.º 48, 2005, pp. 11-18.

Zarankin, Andrés. **Paredes que domesticam: arqueologia da arquitetura escolar capitalista**. Banco de Teses UNICAMP. Campinas, 2001.

ZYGMUNT, Bauman. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.